

A HOASCA NA UNIÃO DO VEGETAL: DIREITO RELIGIOSO, INTERCULTURALIDADE E RESPONSABILIDADE SOCIOAMBIENTAL

CARLOS TEODORO JOSÉ HUGUENEY IRIGARAY¹
JULIEN MARIUS REIS THEVENIN²
DUARTE ANTONIO DE PAULA XAVIER FERNANDES GUERRA³
DAVID BRONFMAN⁴

Resumo

Composto pela decoção das plantas *Banisteriopsis caapi* e *Psychotria viridis*, o chá Hoasca/Ayahuasca, de uso imemorial na Pan-Amazônia, demonstra sua dimensão intercultural ao se expandir pelo mundo. Dentre as matrizes religiosas, o Centro Espírita Beneficente União do Vegetal (UDV) possui significativa contribuição para o reconhecimento ao direito de uso ritualístico da Hoasca no Brasil e no exterior, e é analisado aqui, na sua perspectiva multicultural, iniciando com a criação dessa religião nos seringais da Amazônia, sua interação com o povo Yudjá, até a vitória junto à Suprema Corte dos Estados Unidos (EUA) e sua expansão a outros países da América, Europa e Oceania. Surgida em meio à floresta, a UDV traz consigo uma cultura cabocla, baseada em princípios éticos e morais cristãos, mantendo profundos conhecimentos sobre a natureza, não só na dimensão material quanto também espiritual, onde a experiência religiosa interage com a ecologia e a pesquisa científica. Além da relevância do multiculturalismo, esta análise, ressalta os desafios à concretização do direito à liberdade religiosa, e conservação de um patrimônio cultural dos povos latino-americanos.

Palavras-Chave: hoasca, ayahuasca, multiculturalidade, união do vegetal, espiritualidade

Abstract

Composed by the decoction of the *Banisteriopsis caapi* and *Psychotria viridis* plants, the Hoasca/Ayahuasca tea, immemorial in the Pan-Amazon region, demonstrates its intercultural dimension as it expands around the world. Among the religious matrices, the Centro Espírita União do Vegetal (UDV) has a significant

¹Doutor em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor Associado da Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: teodoro.irigaray@gmail.com

²Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Bolsista do Programa Nacional de Pós-doutorado (PNPD/Capes) pela Universidade Federal de Rondônia. E-mail: julienreis@gmail.com

³Especialista em Psiquiatria. Professor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Mato Grosso – Campus Sinop. E-mail: guerranapaz@gmail.com

⁴Mestre em Administração de Negócios pelo Instituto Europeu de Administração de Empresas (INSEAD – França). E-mail: Bronfman.david@gmail.com

contribution to the recognition of Hoasca's right to use ritual in Brazil and abroad, and is analyzed here, in its multicultural perspective, starting with the creation of this religion in the rubber plantations of the Amazon, its interaction with the Yudjá people, until the victory with the United States Supreme Court and its expansion to other countries in America, Europe and Oceania. The UDV, born in the midst of the forest, brings with it a caboclo culture, based on Christian moral and ethical principles, maintaining deep knowledge of nature, not only in the material as well as the spiritual dimension, where religious experience interacts with ecology and scientific research. In addition to the relevance of multiculturalism, this analysis highlights the challenges to the realization of the right to religious freedom, and the conservation of a cultural heritage of the Latin American peoples.

Keywords: hoasca, ayahuasca, multiculturalism, união do vegetal, spirituality

DOI: 10.7764/RLDR.9.103

1. Uma origem cabocla⁵

A expressão Ayahuasca, que em Quéchuá é traduzida como “videira da alma”, refere-se ao chá preparado com a decocção de duas plantas amazônicas, *Banisteriopsis caapi*, popularmente conhecido por Mariri, da família Malpighiaceae e a *Psychotria viridis* da família Rubiaceae, conhecido como Chacrona, usado em rituais xamânicos e cerimônias religiosas, para efeito de concentração mental. No âmbito do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal – UDV esse chá é também conhecido como Hoasca e Vegetal, essas denominações serão utilizadas indistintamente neste texto.

Não se pode falar na História da Hoasca sem enfocar a trajetória do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal – UDV, enquanto instituição que enfrentou e, ainda enfrenta, desafios para superar o preconceito e a desinformação que cercam o uso da Hoasca, de modo a assegurar o direito ao seu uso ritualístico, no Brasil e no exterior.

A Hoasca chega à Amazônia brasileira com a desintegração do Império Inca, que como afirma Fabiano (2012), a utilizavam em sua liturgia religiosa, porém pouco haveria restado do rito original entre os povos indígenas remanescentes. Inicialmente sua utilização no Brasil restrita a populações indígenas, se estende aos povos da floresta, sobretudo após a chegada à região dos

⁵ Este item toma como referência o artigo “*Ayahuasca and Sumak Kawsay: Challenges to the implementation of the principle of ‘buen vivir’, religious freedom and cultural heritage protection,*” publicado na Revista de Antropologia da Consciência da Universidade da Flórida (Anthropology of Consciousness Journal, 27.2, University of Florida. American Anthropological Association: Gainesville, 2016, p. 227). Acessível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/anoc.2016.27.issue-2/issuetoc>

chamados “soldados da borracha”. Desse contato algumas lideranças se formaram na distribuição da Hoasca, incluindo xamãs e caboclos iniciados com algum conhecimento sobre seu uso.

Três imigrantes nordestinos que se mudaram para o território amazônico, durante o ciclo da borracha, se destacam como lideranças e criam as primeiras instituições religiosas usuárias da Hoasca e as mais conhecidas no Brasil, são eles: Mestre Irineu, Mestre Daniel e Mestre Gabriel.

O mais antigo dessas lideranças Raimundo Irineu Serra, conhecido como Mestre Irineu, chegou na Amazônia no início do século XX, onde conheceu a Hoasca por meio de um caboclo peruano e iniciou seu trabalho criando a doutrina espiritual do Santo Daime.

Daniel Pereira de Matos (Mestre Daniel) foi discípulo de Irineu Serra e deu início ao trabalho de ajuda a pessoas enfermas e necessitadas, que redundou na criação do Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz, hoje conhecida como Barquinha.

O baiano José Gabriel da Costa, conhecido como Mestre Gabriel, chega à Amazônia em 1944, onde, na condição de seringueiro, toma contato com a Hoasca. Após mudar-se juntamente com sua família para Porto Velho, funda o Centro Espírita Beneficente União do Vegetal, institucionalizando a UDV e criando as bases para sua expansão. Gentil e Neves (2011, p.65) apontam o contexto histórico em que surge a UDV:

A UDV é uma religião que nasceu num seringal, na fronteira com a Bolívia, em 1961. Sua história está ligada à história do Brasil, entrelaçando-se com a história do ciclo da borracha, com a expansão das fronteiras agrícolas em direção ao norte e com a expansão urbana vivida pelo País após esse período.

Apesar da urbanização, a UDV procura preservar a sua origem cabocla. Por isso, aporta ao homem urbano, entre outras coisas, uma maior proximidade com a natureza, com a cultura da Amazônia, com a floresta e sua necessidade de conservação –ambiente natural e fonte da variabilidade genética do Mariri e da Chacrona, plantas constituintes do seu principal sacramento, o chá Hoasca. Numa sociedade que vive uma profunda crise de significação, caracteriza-se como uma oportunidade de vivenciar, com todo o seu significado simbólico, um

ritual religioso estruturante que enfatiza a ligação do homem com o espiritual, proporcionando ao discípulo, o veículo que o fará sentir a realidade dessa ligação.

Entre as peculiaridades da UDV destacam-se sua criação no seio da floresta amazônica, onde se consolidou uma cultura cabocla, que não guarda relação com característica racial, mas se assenta com uma base de simplicidade, onde os ensinamentos e cânticos usados no ritual religioso são transmitidos oralmente e fundamentados numa moral estoica baseada no desenvolvimento das virtudes morais, intelectuais e espirituais, no compromisso com a verdade e na valorização da família, entre outros aspectos.

Além dessas características da UDV, Fabiano (2012) ressalta que os dirigentes são escolhidos através de eleições para mandatos de três anos, sem perceber qualquer retribuição remuneratória, eles permanecem nas posições hierárquicas que ocupam enquanto mantiverem conduta familiar e profissional exemplar. Além disso, as “sessões do Vegetal” se destinam ao estudo da espiritualidade, recolocando ao ser humano a dimensão divina da Natureza e lhe oferecendo a oportunidade de religião espiritual com o Sagrado (FABIANO, 2012), o que se reflete numa percepção espiritual da natureza, com alguns efeitos concretos nas ações socioambientais desenvolvidas pela UDV.

Outro ponto a destacar como característica da União do Vegetal é seu caráter familiar e a atenção que dedica aos jovens e crianças, através do trabalho voluntário de inúmeros profissionais altamente capacitados, que vêm se dedicando à causa, nas ações de beneficência, de orientação espiritual com crianças e jovens, de pesquisa médica e científica, de meio ambiente e desenvolvimento ecológico, todos eles sem intenção comercial.

O trabalho de orientação espiritual com crianças e jovens, filhos de sócios da União do Vegetal, é desenvolvido em todas as sedes da UDV e está fundamentado no valor e importância da família e no fortalecimento, entre as crianças e jovens dos princípios da União, das virtudes espirituais e sobretudo da Paz e do Amor, para a edificação de um mundo melhor. Nesse trabalho, realizado com atividades lúdicas em contato com a Natureza, crianças e jovens aprendem desde cedo o valor da natureza em nossas vidas, e da importância de reverenciá-la

como algo sagrado, reconhecendo que somos parte integrante da mesma. A busca da harmonia e do equilíbrio com o meio ambiente é um dos princípios da União do Vegetal e também a base que sustenta toda natureza.

Nesse sentido, o uso da Hoasca acontece, no âmbito da UDV, desde sua origem, como a Comunhão de um Sacramento religioso, conduzida de forma responsável por mestres com experiência, tendo por objetivo precípua trabalhar pela evolução espiritual do ser humano.

2. Interculturalidade

Desde sua criação no coração da floresta amazônica, a UDV se inicia em meio a um pequeno grupo de seringueiros e trabalhadores rurais, se expandindo progressivamente para os centros urbanos do Brasil, caracterizado por grande diversidade cultural. A partir da década de 90, a União do Vegetal tem chegado a outros países ao redor do globo, com uma mensagem de amor e fraternidade e o objetivo de promover uma paz no mundo.

Na expansão das suas atividades religiosas, a UDV segue os mesmos princípios adotados no Brasil desde a sua criação: respeito às leis do país, atitude colaborativa com as autoridades, combate às drogas e vícios, e ausência de intuito comercial ou finalidade lucrativa.

Hoje, pessoas de 60 nacionalidades estão seguindo a União do Vegetal. São mais de 21 mil sócios em cerca de 220 sedes no Brasil e em nove países das Américas, Europa e Oceania, com o conhecimento e anuência das autoridades competentes, administrativas e sanitárias, não havendo registro de qualquer incidente ou ocorrência. Nesse trabalho a UDV preserva seus ensinamentos simples e universais de amor ao próximo e a prática desinteressada do bem, respeitando a sua própria origem e também a cultura local e as diferenças nos países onde chega,

Essa integração respeitosa de diferentes culturas configura a interculturalidade, que segundo Alvarado (2003) pressupõe o reconhecimento de toda sociedade como um espaço de permanente interação onde a convivência e troca de experiências são necessárias, com respeito

à diversidade cultural, entre outras características, todas visíveis no processo de expansão da UDV.

Nos itens que se seguem, essa interculturalidade é analisada destacando-se a expansão internacional da União do Vegetal e o apoio por ela prestado ao povo indígena Yudjá.

2.1 A expansão internacional

O primeiro país onde a União do Vegetal chegou após expandir pelas fronteiras Brasileiras foi os EUA. Inicialmente, quando começou o seu trabalho religioso nos EUA, ainda no início de década de 1990, a UDV buscou estabelecer relacionamento cooperativo e respeitoso com as autoridades constituídas daquele país. Entretanto, em 1999 representantes do Ministério da Justiça adotaram uma atitude de enfrentamento, criando forte resistência ao uso do Chá.

Foi preciso que a União do Vegetal movesse uma ação judicial, que chegou até a Suprema Corte dos Estados Unidos (Gonzales Vs. o Centro Espírita Beneficente União do Vegetal 546 U.S. 418 – 2206). O resultado do caso foi uma decisão unânime da Suprema Corte afirmando a sinceridade e a legitimidade da prática religiosa da UDV, que foi autorizada a importar e fazer uso religioso do seu sacramento, o Chá Hoasca, licenciado pelas autoridades constituídas no país. Hoje, existem 9 sedes do Centro licenciados em 8 estados diferentes nos Estados Unidos.

Um dos advogados que representou a UDV em juízo, John Boyd (2011, p. 216), destaca a importância dessa decisão:

Talvez vocês nem possam imaginar qual é a importância dessa decisão para a liberdade religiosa nos Estados Unidos. Não só para vocês, membros da UDV nos Estados Unidos ou para as pessoas presentes nessa sala, mas para todas as pessoas dos Estados Unidos. [...] Essa decisão envolve manter o princípio de que o governo simplesmente tem que ficar fora das decisões religiosas. É uma questão que não tem nada a ver com o Governo. O Estado tem que ficar longe da regulamentação de conduta religiosa, a não ser que estejam preparados para provar que haja uma excelente razão para interferir, o que não aconteceu neste caso. O Poder Executivo sobre religião e liberdade humana não é um poder ilimitado. Essa decisão é extremamente importante por causa disso.

Essa ação judicial tem mesmo um significado histórico, Pádua (2005) descreve essa conquista como uma “verdadeira luta de Davi contra Goliás – com a UDV tendo vencido em todas as instâncias de enfrentamento, agindo com notável competência, seriedade e segurança dos seus direitos e com honestidade de propósitos”, diante do Governo norte-americano que tentou impedir em seu território o funcionamento de uma pequena instituição religiosa, que tem como Sacramento o chá Hoasca, alegando risco à saúde pública sem qualquer comprovação. A UDV, amparada por pesquisas científicas que atestam a inofensividade do chá e seu efeito benéfico⁶, venceu em todas as instâncias, e na Suprema Corte por unanimidade, reafirmando o princípio da liberdade religiosa que não pode ser desconsiderado com alegações vagas de potenciais riscos à saúde pública.

Ao apreciar o caso, a Suprema Corte, em sua decisão, criticou a resistência do Governo norte americano em reconhecer o direito à liberdade religiosa, a pretexto de que criaria exceção à Lei de Substâncias Controladas, considerando que “o argumento do Governo ecoa a réplica clássica de burocratas ao longo da história: Se eu abrir uma exceção para você, eu vou ter que abrir uma para todos, então não há exceções”. A Suprema Corte reconheceu que “o Governo falhou em demonstrar que a aplicação da restrição à UDV seria provavelmente justificada pelos interesses imperiosos” e também que “a aplicação da Lei das Substâncias Controladas restringiria substancialmente uma sincera prática religiosa”, preservando o direito constitucional à liberdade religiosa (Gonzales Vs. o Centro Espírita Beneficente União do Vegetal 546 U.S. 418 – 2206).

Esse embate tem fortes repercussões no constitucionalismo, que em diversos países assiste a tentativa de governos que tentam limitar essa liberdade de culto, por motivações políticas diversas que incluem desde “riscos à saúde” como “ameaças à ordem social por grupos radicais”.

⁶ Diversas pesquisas nacionais e internacionais têm comprovado a inofensividade e os efeitos benéficos do uso do chá Hoasca, destacam-se aqui resultados obtidos por McKenna, Grob e Callaway (1998) que mostraram evidências fundamentais para o processo de legalização nos EUA, sendo elas: ausência de evidências de toxicidade aguda com o uso prolongado da Hoasca; nenhuma evidência de disfunções neurológicas, cognitivas ou de personalidade em usuários de longo prazo; fortes evidências de mudanças comportamentais positivas como a abdicção do uso de drogas, alcoolismo e violência doméstica.

Hoje, a UDV guarda uma boa relação com as autoridades. Faz a importação regular do Chá Hoasca, atendendo as normas sanitárias e de segurança de transporte dentro de um acordo de licenciamento que foi negociado durante meses por representantes da UDV com servidores do Departamento de Justiça dos Estados Unidos e do Serviço de Alfândega.

Tal acordo está totalmente em conformidade com as responsabilidades definidas pelas convenções e tratados internacionais que versam sobre substâncias psicoativas e asseguram o direito à liberdade religiosa.

Note-se que esse acordo entre a União do Vegetal e os órgãos de controle dos Estados Unidos representa um símbolo de diálogo aberto e cooperativo que precisa existir entre as autoridades públicas e sociedades religiosas. A definição de um modelo assim atende ao propósito de garantir o uso religioso do sacramento Hoasca pelos filiados da UDV, bem como define uma necessária política de controle de substâncias psicoativas (para evitar que sejam utilizadas para fins recreativos), de modo a preservar saúde pública e ordem social mais harmoniosa.

Reconhecendo que cada país tem a sua soberania e as suas leis, a UDV procura atender as exigências para a obtenção da licença plena e segura para o desenvolvimento das suas atividades.

No Canadá existem atualmente dois grupos licenciados da UDV em funcionamento no país. Com base no modelo desenvolvido em colaboração com as autoridades norte-americanas, acordo semelhante para acomodar a prática religiosa da UDV foi alcançado com as autoridades do Governo do Canadá em junho de 2017. Este é mais um importante reconhecimento da UDV como uma religião sincera, ordeira e que pratica o bem aonde chega.

Também na Europa, a UDV se instalou inicialmente na Espanha, por força de uma busca espiritual de pessoas que vieram ao Brasil conhecer a Hoasca e se empenharam para tornar possível a existência de duas sedes no país (Madri e Valência). Posteriormente, o mesmo processo aconteceu no Reino Unido, Portugal, Suíça, Holanda, Portugal e mais recentemente na Oceania (Austrália) e em Peru.

Cabe reiterar que, assim como no Brasil, os trabalhos da UDV nesses países guardam total conformidade com as responsabilidades definidas pelas convenções e tratados internacionais aplicáveis ao tema. Ou seja, também no âmbito internacional a União continua trabalhando de forma simples e responsável pela expansão dos ensinamentos do seu fundador, conhecido pelos seus discípulos como Mestre Gabriel, buscando auxiliar o ser humano no seu desenvolvimento moral, intelectual e espiritual na busca de paz e da verdadeira fraternidade humana.

Esta bandeira da paz é universal, por isso mesmo esse esforço empreendido pela UDV para chegar em culturas e locais tão diferentes um do outro é fundamentado nos mesmos princípios e objetivos que nortearam a criação dessa instituição no meio da floresta Amazônica, que seguem sendo preservados, ainda que transmitidos em diferentes idiomas.

2.2 A restauração do uso da Hoasca entre o povo Yudjá

Uma outra face da interculturalidade e respeito ao multiculturalismo, tão relevante ao novo constitucionalismo latino-americano, é encontrada também na forma como a UDV se relaciona com as populações indígenas, valorizando a cultura nativa e reconhecendo a valiosa contribuição que deram e seguem dando à conservação das florestas tropicais em todo o mundo.

Como ressaltado, a Hoasca, é uma bebida de uso milenar entre populações indígenas da América do Sul e mais recentemente seu uso alcançou as populações urbanas inicialmente na região amazônica e posteriormente até mesmo nos grandes centros urbanos do Brasil e exterior.

Alguns autores, como Costa *et al.* (2005), chegam a estimar que antes mesmo da colonização das Américas, 72 etnias indígenas distintas já faziam uso da Hoasca na bacia Amazônica, dentre elas os Kaxinawá, Yaminawa, Sharanawa, Ashaninka, Airo-pai, Baranara, Sikuaní e outras de cultura xamânica. Esses grupos, de modo geral, consideram Hoasca como uma bebida sagrada, utilizada pelo pajé para aconselhamento, cura material e espiritual, e reencontro com seus antepassados (CÁRDENAS; GÓMEZ, 2004; PEREIRA, 2003).

Com a perda de ritos originais e de saberes ligados ao uso da Hoasca por parte de algumas etnias indígenas no Brasil, por iniciativa própria, grupos como os Bororos, Tapajós e

Xavantes buscaram a UDV na intenção de conhecer e resgatar essa cultura, sendo os mesmos atendidos em algumas de suas sedes no Brasil. Todavia, até o momento os Yudjás, que habitam a parte mais setentrional do Parque Indígena do Xingu, são os únicos que demonstram interesse em dar continuidade ao uso da Hoasca, razão pela qual neste itemé abordada a reaproximação desse grupo com o Vegetal.

Essa referência à atual utilização do chá Hoasca como reaproximação, decorre da própria percepção dos Yudjá, que ao entrarem em contato com o mesmo em 2011, passaram a descrever tal acontecimento como um resgate. Tal entendimento relaciona-se a história dessa etnia, uma vez que seus ancestrais faziam menção ao uso de um chá, assim por conta das sucessivas migrações que fizeram ao longo de sua história, antes de chegar ao atual local de habitação, os Yudjá teriam perdido essa tradição

No contexto deste reencontro é que se insere a União do Vegetal através de seu Departamento Médico Científico (DEMEC), com a realização de um trabalho voluntário na área indígena Kapôto-Jarina e limite norte do Parque Indígena do Xingu, em outubro do ano de 2011, prestando atendimentos médico e odontológico. Durante o referido trabalho, alguns indivíduos da etnia Yudjá solicitaram a dois de seus integrantes que lhes fosse franqueada a possibilidade de experimentarem o chá, do qual haviam ouvido falar através de um membro da etnia, Marrurimã Juruna, que por sua vez conhecera o chá Hoasca junto aos Ashaninka no ano anterior, em uma atividade de vivência intercultural de que participava, no Acre, junto àquele povo.

Um destes integrantes da UDV, o cirurgião dentista Eduardo Mattos Biral, já havia trabalhado no interior do parque indígena por 18 anos, sendo, portanto um antigo conhecido e cujo uso do chá Hoasca era de conhecimento dos Yudjá. Assim foi que, dias depois, o pedido dos indígenas foi atendido, sendo-lhes servido o chá na aldeia Pakayá, ocasião em que participaram seis Yudjás, juntamente com os dois membros da UDV.

A este primeiro contato seguiram-se outras oportunidades, com número crescente de participantes, até que, no ano de 2012, os Yudjá solicitaram oficialmente, através de sua Associação, ao Centro Espírita Beneficente União do Vegetal que os auxiliassem no fornecimento

do chá Hoasca e também no plantio das plantas necessárias ao seu preparo. No contexto do pedido encaminhado, havia o interessante apontamento de que os Yudjá acreditavam poder, com o uso ritualístico da Hoasca, resgatar o trabalho do pajé, que passou por declínio e chegou a desaparecer entre os mesmos desde o crescente contato com a sociedade envolvente, a partir do encontro com os irmãos Villas-Bôas, em 1949.

Os muitos relatos colhidos ao longo desta parceria estabelecida entre os Yudjá e a UDV dão conta de que os mesmos estavam intuitivamente certos quanto a isto. De tal modo, que esse reencontro foi narrado por Stolze (2018), uma das maiores autoridades da antropologia brasileira no que tange a esta etnia, como uma "renascença" entre os Yudjá, em contraste com o que ela mesma havia presenciado na década de 1980, quando de seus primeiros estudos com este povo, que à época vivia uma fase de rápida perda de elementos culturais, inclusive do papel do pajé.

Assim é que o Centro Espírita Beneficente União do Vegetal, após ter acolhido o pedido da comunidade Yudjá e ter debatido extensivamente o assunto no âmbito de seus conselhos administrativos, vem dando o apoio necessário no fornecimento do chá e no auxílio técnico para o plantio do cipó Mariri e do arbusto Chacrona, que apesar de fazerem parte do bioma amazônico, não são encontradas no território onde estão fixadas as aldeias Yudjás.

Além do trabalho mais diretamente relacionado ao uso do chá, ações nas áreas de meio ambiente e saúde tem sido apoiadas pelo Centro. Assim é que, em parceria com a Associação Novo Encanto de Desenvolvimento Ecológico, trabalhos focados em educação ambiental e sustentabilidade alimentar tem sido desenvolvidos, bem como atendimento médico e odontológico por meio do Departamento de Beneficência da UDV. Mais recentemente, um Projeto de Extensão da Universidade Federal de Mato Grosso, coordenado por membro da UDV, realizou capacitações em prevenção de alcoolismo e atendimentos médico e odontológico na área, não só para os Yudjá, mas também para a etnia Metuktire (Kayapó).

Cabe ressaltar que, ao longo destes sete anos de convivência, estabeleceu-se um forte vínculo de amizade entre os Yudjá e os membros da União do Vegetal, principalmente os mais frequentes na área. Fundamental destacar que este trabalho de apoio tem como premissa inicial

o respeito aos valores culturais tradicionais da etnia, o que foi definido em reunião da Direção Geral da UDV, em outubro de 2012, ocasião em que se estudava como atender ao pedido recebido sem que houvesse algum prejuízo por interferência cultural aos costumes daquele povo e também se preservasse institucionalmente o Centro.

Por certo não se ignora a dinâmica das mudanças culturais que decorreram do contato interétnico, já que estes fazem surgir contextos onde as referências tradicionais podem ser reajustadas e reinterpretadas, ou inversamente trocadas por outras (OLIVEIRA FILHO, 1988), ou seja, no caso do povo Yudjá, estes já mantêm contato com outros povos mesmo antes de se estabelecerem no Parque Indígenas do Xingú.

Atualmente, um dos objetivos principais deste trabalho da UDV junto ao povo Yudjá, é auxiliá-los na consecução da autossuficiência no cultivo das plantas ritualísticas, preparo e uso do chá Hoasca, o qual esta etnia tem respeitado e manifestado de forma reiterada, o desejo de continuar utilizando, pela percepção de seu benefício e, logicamente, por considerá-lo parte de sua cultura ancestral.

3. Os caminhos da Hoasca na natureza

Os comportamentos pró-ecológicos existentes na UDV estão ligados, sobretudo, a sua origem cabocla, em meio à floresta amazônica. É de sua raiz indígena e afro-brasileira que advém boa parte do conhecimento das plantas, seu conjunto doutrinário trazido por revelação e constituído, pelo seringueiro conhecido por seus adeptos como Mestre Gabriel, proporciona a transcendência da natureza enquanto bem material para uma natureza espiritualizada cheia de significados.

O contato com o chá da Hoasca, composto por plantas com forte significado espiritual, advindas da floresta e consideradas sagradas pelos seguidores dessa religião, por si só proporciona uma ampliação gradativa da percepção do valor imaterial da natureza. O reconhecimento do sagrado na natureza, seja em parte dela ou em sua totalidade, nessa religião,

aparece em diversos níveis no seu conjunto doutrinário, mas é potencializado pela Hoasca, que proporciona a ampliação de sua percepção.

Essa percepção espiritual da natureza costuma vincular-se gradualmente e de maneira espontânea a uma consciência ambiental e a comportamentos de respeito e zelo pelos seres vivos, conforme a subjetividade das experiências e a história de cada indivíduo. Contudo, essas atitudes não dependem unicamente dos adeptos que chegam, já que alguns desses não demonstram ter um comportamento ecológico, mas, principalmente, de diversos arranjos institucionais estabelecidos que direcionam as práticas dos mesmos na gestão de seus territórios.

Arranjos institucionais que se constituem desde a origem da UDV, principalmente pela necessidade do cultivo das plantas ritualísticas e se refletem em ganhos ambientais, conforme demonstrado por Thevenin (2017) e Thevenin e Piroli (2017, 2018) ao analisar 27 núcleos da UDV em Rondônia, verificando que:

a) Imagens de satélite revelaram que das 24 propriedades rurais de religiões hoasqueiras analisadas, sendo 23 da UDV, destinadas ao plantio das espécies utilizadas no preparo do Chá Hoasca, 96,6% estão cobertas por vegetação arbórea nativa em estágio inicial, intermediário ou avançado de regeneração. Dessas, 81,4% encontram-se no estágio avançado, ou seja, árvores com mais de 20m de altura;

b) Na paisagem, muitas dessas propriedades se destacam como verdadeiras ilhas de floresta em meio a extensas áreas desmatadas para pastagens;

c) Em quase todas as propriedades para fins não comerciais, até mesmo as urbanas, estima-se que mais de 5.000 espécies arbóreas nativas já tenham sido plantadas;

d) Os resultados mostraram ainda que entre as espécies mais presentes estão a Castanheira (*Bertholletia excelsa*) e Imburana-de-Cheiro (*Amburana acreana*), integrantes da “Lista Nacional Oficial de Espécies da Flora Ameaçadas de Extinção”, classificadas na categoria Vulnerável, pela *RedList*, e foram encontradas em 63% das 53 propriedades analisadas, em que 49 dessas pertencem a UDV.

e) Em áreas rurais, destinadas ao plantio de Mariri e Chacrona, também foram identificadas outras espécies ameaçadas de extinção, tais como Mogno (*Swietenia macrophylla*) e Cedro (*Cedrela odorata*). Além disso, resultados de levantamentos florísticos mostraram índices satisfatórios quanto à conservação da fitodiversidade nessas áreas.

A análise das normas informais em uso tem mostrado que tradicionalmente os sistemas de plantio vêm sendo feitos no que hoje se tem por base agroecológica em agroflorestas, por força também das necessidades ambientais das próprias plantas. Dentre essas necessidades, o sombreamento arbóreo para *Psychotria viridis* e o suporte arbóreo para *Banisteriopsis caapi* estão entre os maiores fomentadores da conservação florestal.

Tais características contribuem para que a expansão territorial da UDV esteja relacionada ao crescimento e manutenção de áreas florestadas e/ou destinadas a plantios das espécies ritualísticas em sistemas agroflorestais com predomínio da agricultura orgânica.

A função de boa parte dos imóveis, rurais e urbanos, dessa religião são por tempo indeterminado, voltada para o plantio das plantas ritualísticas e de outras espécies arbóreas ditas companheiras dessas, de valor espiritual e medicinal reconhecidos pelos adeptos. Uma das mais memoráveis práticas nesse território é a quantidade de reflorestamentos – tanto na restauração florestal de áreas degradadas, quanto no adensamento florestal contribuindo para o aumento da diversidade arbórea – realizados em quase todas as propriedades para fins não comerciais, até mesmo nas urbanas, com números consideráveis de plantas endêmicas.

4. Considerações finais

A discussão de temas envolvendo o uso da Hoasca num contexto multicultural tem atraído a atenção de pesquisadores em todo o mundo, conforme destacou o cientista Jace C. Callaway (2011, p. 76), da Universidade de Kuopio (Finlândia) ao assinalar:

Desde 1995 tem havido uma explosão pelo interesse na Ayahuasca, e muito se aprendeu do ponto de vista científico, porém a ciência ainda não foi capaz de dizer muito a respeito da natureza divina dessa experiência singular, nem do seu impacto sobre utilização pelo indivíduo e a sociedade.

O maior mistério da Ayahuasca continuará a ser uma fronteira da ciência por muitos e muitos anos, embora essa antiga tecnologia da mente não possa ser facilmente aceita ou compreendida pela ciência de hoje. Esta tecnologia continuará a ser uma experiência pessoal que só pode ser alcançada ao se beber o chá dentro de um contexto apropriado. É devido a esta experiência única que um número relativamente pequeno de pessoas tem continuado a manter essa tecnologia ao longo dos anos.

Na história da Hoasca, o reconhecimento do direito ao seu uso no Brasil e no exterior está diretamente ligado à atuação da União do Vegetal, pela relevância de sua atuação para a concretização do princípio constitucional da liberdade religiosa, nacional e internacionalmente. Criado no coração da floresta amazônica o Centro Espirita Beneficente União do Vegetal mantém o objetivo com que foi criado, trabalhando pela paz no mundo, e exercendo um protagonismo tanto no campo jurídico, com sua atuação firme na defesa do direito ao uso religioso da Hoasca, como no apoio e condução de pesquisas que estão comprovando a inofensividade do chá usado em ambiente religioso.

Sobre o emprego do que considera uma tecnologia (a combinação de duas plantas na preparação de um sacramento), Callaway (2011, p. 80) enfatizou a importância desse contexto religioso para o uso do chá:

Sabemos que a Hoasca oferece uma tecnologia confiável para religar o usuário com o divino em um profundo conhecimento de si mesmo e essa ligação traz um profundo conhecimento do sentido da vida, em um propósito único de ampliar o sentimento de união. Tais valores são descritos em quase todas as tradições religiosas. Há uma profunda e confortável sensação da infinitude que surge com esta experiência e não apenas uma percepção de início ou fim. Isso poderia ser uma aproximação do céu? Essas crenças existem em todas as religiões. Talvez a diferença fundamental seja que a Hoasca oferece uma forma palpável e ativa para vivenciar tal sacramento quando da sua comunhão, enquanto a maioria das outras religiões aparentemente não. (...) Em resumo, Hoasca é um sacramento que não exige muito da fé e a UDV fornece um contexto para a utilização eficiente dessa experiência.

Atualmente, por seu caráter multicultural e sua significância histórica e espiritual a Hoasca se constitui num patrimônio imaterial dos povos latino-americanos, o que ainda é

Huguene, C. T., Reis, J. M., Fernandes, D. A. & Bronfman, D.: *A hoasca na união do vegetal: direito religioso, interculturalidade e responsabilidade socioambiental*.

reconhecido por poucos governos, o que não impede que o uso ritualístico desse Sacramento siga em expansão para além dos limites da Amazônia, onde mantém suas raízes.

Na defesa do uso religioso e responsável da Hoasca, a UDV considera que além de um patrimônio imaterial que merece a proteção jurídica do Estado há, sobretudo, um direito à liberdade religiosa, também de ordem constitucional, que ampara a concretização de sua missão espiritual de contribuir com a paz no mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARADO, V. Políticas públicas e interculturalidad. In FULLER, N. (Ed.). *Interculturalidad y política: desafios y posibilidades*. Lima: Red para el desarrollo de las ciencias sociales em el Perú, 2003, p. 33-50.

BOYD, J. A Vitória legal da União do Vegetal na Suprema Corte dos EUA: um depoimento pessoal. In: BERNARDINO-COSTA, J. (Org.). *Hoasca: Ciência, Sociedade e meio ambiente*. Campinas: Mercado das Letras, 2011, 211-217.

CALLAWAY, J. C. Projeto Hoasca: um depoimento pessoal 15 anos depois. In: BERNARDINO-COSTA, J. (Org.). *Hoasca: Ciência, Sociedade e meio ambiente*. Campinas: Mercado das Letras, 2011, p. 75-82.

CÁRDENAS, A. V.; GÓMEZ, A. P. Consumo urbano de Yajé (Ayahuasca) em Colombia. *Adicciones – Revista de Socidrogalcohol, Barcelona*, v. 16, n. 4, p. 323-334, 2004.

COSTA, M. C. M.; FIGUEIREDO, M. C.; CAZENAVE, S. de O. S. Ayahuasca: uma abordagem toxicológica do uso ritualístico. *Revista de Psiquiatria Clínica, São Paulo*, v. 32, n. 6, p. 310-318, 2005.

FABIANO, R. *Mestre Gabriel, o Mensageiro de Deus*. Brasília: Pedra Nova edições, 2012.

GENTIL, L. R. B.; NEVES, E. S. Histórico do processo de formação do Departamento Médico e Científico e da Comissão Científica. In: BERNARDINO-COSTA, J. (Org.). *Hoasca. Ciência, Sociedade e meio ambiente*. Campinas: Mercado das Letras, 2011, p. 61-68.

GENTIL, L. R. B. e GENTIL, H. S. O uso de psicoativos em um contexto religioso: A União do Vegetal. In: LABATE, B. C.; ARAÚJO, W. S (Orgs.). *O uso ritual da Ayahuasca*. Campinas: Mercado das Letras, 2002, p. 559-570.

GODOY, A. S. de M. A Suprema Corte Norte-Americana e o julgamento do uso de Hoasca pelo Centro Espírita Beneficente União do Vegetal (UDV): colisão de princípios: liberdade religiosa v. repressão a substâncias alucinógenas: um estudo de caso. *Revista Jurídica*, Brasília, v. 8, n. 79, p. 1-20, 2006.

McKENNA, D. J.; GROB, C. S.; CALLAWAY, J. C. The scientific investigation of Ayahuasca: a review of past and current research. *Heffter Review of Psychedelic Research*, v. 1, p. 65 -77. 1998.

McKENNA, D. J. 2012: *Time for change*. Entrevista no documentário. Disponível em:<<http://www.youtube.com/watch?v=QWNsF-DgaYo>>. Acesso em: 10 de setembro de 2018.

IRIGARAY, C. T. J. H. et al. Ayahuasca and sumac kawsay: Challenges to the implementation of the principle of 'buen vivir', religious freedom and cultural heritage protection. *Anthropology of Consciousness Journal*, Gainesville, v. 27, n. 2, p. 204-225, 2016. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/anoc.2016.27.issue-2/issuetoc>>. Acesso em: 25 janeiro de 2019.

OLIVEIRA FILHO, J. P. de. *"O nosso governo": os Ticuna e o regime tutelar*. São Paulo: Marco Zero; Brasília: MCT/CNPq, 1988.

PÁDUA, J. A. *A globalização da espiritualidade cabocla*. 2005. Disponível em: <<http://www.oeco.org.br/colunas/jose-augusto-padua/17217-oeco-12271>>. Acesso em: 29 de jun. 2018.

PEREIRA, E. Ayahuasca: expansão de usos rituais e de formas de apreensão científica. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 18, n. 52, p. 203-207, 2003.

Hugueneu, C. T., Reis, J. M., Fernandes, D. A. & Bronfman, D.: *A hoasca na união do vegetal: direito religioso, interculturalidade e responsabilidade socioambiental*.

STOLZE, T. A planta redescoberta: um relato do encontro da ayahuasca com o povo Yudjá. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 69, São Paulo, p. 118-136, 2018.

THEVENIN, J. M. R. *A natureza nos caminhos de ayahuasca: territorialidade, arranjos institucionais e aspectos fitogeográficos de conservação florestal na Amazônia (Rondônia/Brasil)*. 2017. 174 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista – UNESP, Presidente Prudente, 2017.

THEVENIN, J. M. R.; PIROLI, Edson L. O uso ritual da Ayahuasca e práticas de conservação florestal em paisagens fragmentadas de Rondônia: um reconhecimento com classificação GEOBIA. *Fórum Ambiental da Alta Paulista*, v. 13, p. 94-108, 2017. Disponível em: <https://www.amigosdanatureza.org.br/publicacoes/index.php/forum_ambiental/article/view/1692>. Acesso em: 7 de dez. 2018.

_____. Uso e cobertura da terra no território ayahuasqueiro em Rondônia: uma análise de arranjos institucionais por classificação orientada ao objeto. *Revista Ra'e Ga: Espaço Geográfico em Análise*, v. 43, p. 140-158, 2018. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/52146>>. Acesso em: 13 de fev. de 2019.

UDV. União do Vegetal: O direito ao uso religioso do chá Hoasca. *Revista Informativa do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal*. Brasília: UDV, 2018.

UNGER, N. M. *O Encantamento do Humano: Ecologia e Espiritualidade*. 1. ed. São Paulo: Loyola, 1991.